

Reunião de cúpula decepciona

24 SET 1985

Luiz Arthur Toribio,
enviado especial

Pela coesão dos latinos

Esta é a íntegra do discurso proferido, ontem, pelo presidente José Sarney na sessão solene do Grupo Latino-Americano das Nações Unidas.

Agradeço a generosidade das suas palavras de saudação, que realçam uma vez mais a histórica amizade e os intensos laços de cooperação que unem todos os nossos países.

Neste ano em que comemoramos, com renovadas esperanças, o quadragésimo aniversário da Organização das Nações Unidas, peço aos senhores que sejam portadores da mensagem de fraterna amizade com que homenageio, em nome do povo e do governo brasileiros, os governos e os povos irmãos da América Latina, aqui tão dignamente representados.

Minha presença neste foro de entendimento assinala a elevada prioridade que atribuo às relações com todos os países da América Latina, como expressão da vocação latino-americana do Brasil e da sua profunda identidade com o continente.

A ação deste Grupo de coordenação regional já deixou sua marca inconfundível na diplomacia que se pratica nos foros internacionais. Suas posições, que refletem a coesão e o equilíbrio dos consensos, enriqueceram as Nações Unidas com a vocação universalista e participativa da América Latina nas grandes questões que interessam à humanidade em geral e aos países em desenvolvimento em particular.

A América Latina tem uma longa tradição de reflexão e prática internacional. Desde os tempos da nossa independência política, muitos foram os momentos de criatividade política e jurídica do continente.

Essa vocação de serviço da América Latina, trazida aos foros da diplomacia multilateral, consolidou nossa presença nessa área cada vez mais importante das relações internacionais. Ao mesmo tempo, traduziu fielmente a importância das Nações Unidas e suas agências especializadas para nossos países. Nossa voz, voltada para os valores da paz, do progresso e da participação, adquire uma amplitude nova no momento em que a democracia, fortalecida no continente, empresta uma legitimidade crescente à ação de nossos governos.

Hoje, assistimos a novas iniciativas que comprovam essa capacidade de mobilização e de coordenação latino-americanas em defesa de interesses legítimos da região. É esse o sentido das ações do Grupo de Contadora e do Consenso de Cartagena, orientadas pela firme decisão de encontrar soluções duradouras, estáveis e genuinamente latino-americanas para graves problemas que afetam a vida de nossos povos.

O exemplo diário da coordenação e da solidariedade é a diferença marcante entre nossa reação à crise atual e à dos anos 30.

Meio século atrás, o colapso da economia surpreendeu-nos dispersos, isolados, encerrados em nossos particularismos.

Hoje, o desafio mundial encontra uma América Latina mais coesa e transformada pelos esforços de integração.

É esse caminho da construção e aperfeiçoamento da confiança recíproca que devemos perseverar. São seus pressupostos a comunidade de destino e aspirações, a riqueza e diversidade de expressões nacionais harmonizadas pelo comum denominador da identidade cultural latino-americana.

Nas décadas de 50 e 60, a América Latina foi pioneira na introdução de conceitos inovadores que iriam conduzir à UNCTAD, à luta por uma Nova Ordem Econômica Internacional, ao diálogo norte-sul, à cooperação sul-sul, às duzentas milhas de mar territorial e à Convenção sobre o Direito do Mar.

Por algum tempo, nossos países foram apontados como a história do sucesso do desenvolvimento, como economias na plataforma de decolagem para o crescimento auto-sustentado.

Hoje, com igual exagero, somos vistos como descrentes de nós mesmos, mergulhados em perplexidade e frustração diante do desmoronar das velhas fórmulas desenvolvimentistas.

A vitória sobre a desesperança e o pessimismo deve nascer de uma reação baseada na autoconfiança. Não apenas da afirmação da vontade contra a adversidade dos tempos, mas do conhecimento sereno que temos da força, da perseverança e da vitalidade de que nossos povos, mesmo nos piores momentos, sempre souberam dar provas.

Não podemos renunciar ao desenvolvimento, condição do bem-estar, da educação e da justiça para nossas sociedades.

Se as fórmulas de antes estão gastas, temos de recorrer à inteligência criativa da América Latina para forjar conceitos novos, que atualizem o ideário do desenvolvimento.

Para outros continentes, a ideia-força que plasmou a unidade foi ora a descolonização e a luta contra o racismo, ora a edificação da convivência e da integração num espaço geográfico dividido pela ideologia.

Para nós, latino-americanos, o fio unificador, a ideia comum capaz de gerar unidade e conferir-nos um papel internacional inconfundível só poderá ser a renovação do nosso compromisso com um desenvolvimento pleno e equilibrado, fonte de bem-estar e de justiça.

Os quarenta anos da fundação das Nações Unidas se cumprem num mundo conturbado. Nele, a paz e a segurança são ainda um ideal e a justiça e a equidade uma promessa remota.

Estes quarenta anos de existência da Organização das Nações Unidas convidam-nos à reflexão e inspiram-nos para a ação.

A reflexão traz-nos a certeza de que a América Latina muito tem a oferecer à Organização e aos ideais e princípios que dão sentido à sua existência.

A ação mostra-nos que o caminho é um só: a capacidade de influirmos na história, passa pela criatividade de nossas idéias, pela legitimidade de nossas propostas e pela determinação com que soubermos buscar em nossa cultura a inspiração para construir um mundo de liberdade e de justiça.

Muito obrigado.

Nova Iorque (do enviado especial) — A desvalorização do dólar pode ser uma pequena ajuda, mas a reunião foi decepcionante pois se fixou na declaração de Bonn. Esta foi a reação do presidente José Sarney, revelada ontem na entrevista coletiva que deu à imprensa internacional no salão de conferência da ONU, em relação à reunião realizada no tradicional e sofisticado Hotel Astoria, aqui de Nova Iorque, domingo entre os ministros das finanças e presidentes dos bancos centrais dos cinco maiores países desenvolvidos: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental e Japão. Como se sabe nesta reunião, eles concluíram que é necessário adotar algumas medidas especiais para evitar a superdesvalorização do dólar em relação a outras moedas, mas não abordaram em nada a questão da dívida de 350 bilhões de dólares dos países da América Latina.

Nesta entrevista, de pouco mais de 30 minutos, o presidente José Sarney evitou comentar o pronunciamento do presidente peruano, Alan Garcia, que praticamente rompeu com o FMI e com as regras dos grandes bancos internacionais (ele classificou o tratamento dado à questão dos juros como "um delito maior do que o tráfico de drogas", leia nesta edição), mas o presidente brasileiro deixou claro que o Brasil estava dando uma espécie de cartão amarelo ao FMI. Disse ele:

"Ao se fixar na posição de Bonn, os países em desenvolvimento não resolvem e nem melhoram nada. A atual posição é ortodoxa, sectária e tem uma fórmula pronta".

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Olavo Setúbal, que assistiu à entrevista ao lado do presidente, comentou: "Perfeito".

Como se sabe, esses cinco países, mais Itália, Canadá e os representantes da Comunidade Econômica Européia se reúnem anualmente a nível de presidentes e primeiros ministros para compatibilizar as suas economias e fazer uma análise da situação econômica mundial. A última dessas reuniões foi em Bonn, há alguns meses, e nessa ocasião os sete grandes evitaram qualquer compromisso para um diálogo político com países endividados. A exceção da França, que considera o problema do ponto de vista político, os outros países rejeitam qualquer intervenção governamental no problema da dívida. Outra coisa: na reunião de Bonn, realizada em 1982, os onze países do grupo de Cartagena enviaram uma carta pedindo o estabelecimento do diálogo político, mas a resposta foi uma defesa das leis do mercado.

Trataremos da dívida em dois patamares diferentes: 1 — Tecnicamente, discutindo com os banqueiros os números; 2 — Politicamente, e para isso discutiremos no fórum de Cartagena para encontrar uma solução, ao que será discutida coletivamente, explicou.

O presidente Sarney afirmou ainda que o Brasil "não assinará nenhum acordo, nenhuma carta de intenção que não possa cumprir". E de quebra ainda fez uma crítica ao discurso do ex-presidente João Figueiredo, neste mesmo fórum em 1982:

"Nós saímos da retórica para a ação. Não basta o discurso. Não faremos eternamente nada que não pudermos cumprir internamente.

v
p
t
C
u
n
C
n
d
b
p
C
F
U
r
s
r
t
c
a
r
t
c